

**A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
AMORIS LAETITIA**

**Sua Exma. Dom Vincenzo Paglia
Presidente do Pontifício Conselho para a Família**

O valor “sinodal” da Exortação Apostólica

*Com a Exortação Apostólica Pós sinodal, Amoris Laetitia, Papa Francisco recolhe o fruto de um longo itinerário eclesial e o propõe com autoridade a toda Igreja Católica. Durante dois anos, o Papa desejou que a Igreja, em suas diversas articulações e em um estilo sinodal concentrar suas preocupações sobre a família. Ele primeiro perguntou aos cardeais, no Consistório de fevereiro de 2014, para discutir o tema; em seguida, seguiu as duas assembleias sinodais (2014 e 2015) e ele mesmo desempenhou, em 2015 mais de trinta catequese sobre a família. A novidade também foi a dupla consulta das Igrejas locais que a Secretaria do Sínodo colheu e examinou. Eu não acho que seja um outro documento papal que tenha tido essa gestação. O Papa ao enfatizar o fruto destaca o método sinodal. Ele escreve que as duas assembleias sinodais trouxeram “uma grande beleza, e ofereceu muita luz”. Ele continua, “Com todas as intervenções dos Padres, que ouvi com muita atenção, parecia um poliedro precioso, feita de muitas preocupações legítimas e perguntas honestas e sinceras. Então eu pensei que seria adequado elaborar uma Exortação Apostólica que recolha contribuições dos dois Sínodos recentes sobre a família, juntando-se outras considerações para ajudar a orientar a reflexão, o diálogo e a prática pastoral e, ao mesmo tempo adquirir coragem, incentivo e assistência às famílias em seu compromisso e nas suas dificuldades”(4). Parece importante enfatizar a novidade do processo sinodal que qualifica tanto o conteúdo bem como o método. Ele mostra imediatamente a nova relação que a Igreja deve estabelecer com as famílias de hoje, com suas “alegrias e dificuldades, tensões e de descanso, sofrimento e libertação, de satisfação e de busca, aborrecimentos e prazeres” (cfr. n. 96). Como não ouvir o eco das famosas palavras de abertura da *Gaudium et Spes*? Poderíamos traduzir: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das famílias de hoje, especialmente famílias feridas e aqueles que ainda sofrem, estas são as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos*

discípulos de Cristo, e nada é mais genuinamente familiar no mundo que não encontre eco no seu coração” (cfr.1). Há uma linha que liga a Exortação Apostólica diretamente ao Concílio de: desde a alocução inicial *Gaudet Mater Ecclesia*, à *Gaudium et Spes*, ao *Evangelii Gaudium*. É o fio condutor da “imensa simpatia” de que o Papa Paulo VI falava a propósito da sensibilidade impregnou os trabalhos do Concílio Vaticano II.

A grande simpatia para as famílias atravessam todo o texto

O texto está marcado em cada página navegado por um olhar de grande simpatia pelas famílias. O Papa afirma claramente que “de nenhuma maneira a Igreja tem que desistir de colocar o ideal pleno do matrimônio, o plano de Deus em toda a sua grandeza” (307). À luz deste horizonte alto e concreto, aberto da Exortação a “vocação cristã” do projeto familiar, eu acredito que devemos entender este apelo em um duplo valor. A Igreja não deve ser reticente ao anunciar o ideal pleno do matrimônio, de acordo com a forte palavra do Senhor sobre a beleza e a seriedade de seu vínculo. E não deve ser reticente em apresentá-lo como uma forma de plena aplicação da fé. Em suma, é um bem indispensável para a vida da Igreja, é um recurso valioso para a evangelização da vida.

Apenas esta altura de ideal empurra o Papa para pedir renovado compromisso de abordagem das famílias no concreto de suas vidas. A Igreja deve fazer suas as dificuldades e as esperanças de seus fiéis. É uma mãe. Por isso não mantém as famílias de fora, com a frieza notória de quem deve listar as alterações e encontrar eventuais culpas a ser condenado. Ele não é cego. Muito menos resignado. A Igreja – como se manifesta na *Amoris Laetitia* –, conhece bem as doenças que afligem as famílias de hoje. Mas – ao contrário dos profetas da desgraça ou dos filhos da resignação – ele sabe que “esta enfermidade não é para a morte” (Jo 11,4), como Jesus disse para o amigo Lázaro. A Igreja é amiga da família, de todas as famílias. Tudo isso ajuda a caminhar para a plenitude do encontro com Jesus.

A Exortação, impregnada com essa amizade apaixonada, se apresenta como uma longa meditação sobre aspectos da vida familiar, o mais enriquecedor como o mais crítico. Mas, dentro de uma visão estratégica: a família não é simplesmente a história dos indivíduos e seus desejos de amor (que existem), mas a própria história do mundo. Pode-se dizer que a família é a mãe de todos os relacionamentos. Então já aparece nos dois primeiros capítulos do Gênesis que a Exortação lembra: já que a história humana e a família estão intimamente ligados. A família e a sociedade são inseparáveis. Quando as coisas não estão bem em família também não vão bem na sociedade.

Para uma Igreja “familiar”

Dentro deste enfoque estratégico, o Papa pede uma mudança de ritmo e estilo que toca a própria forma da Igreja. E a dizer que a Igreja não poderá realizar a tarefa atribuída por Deus para a família, se não envolver as famílias nesta mesma tarefa na maneira de Deus, e assim, sem que se assume os traços de uma comunhão familiar. Esta essencial eclesiologia da família, por assim dizer, é a inspiração da qual o texto respira, o horizonte para o qual quer levar o sentimento cristão para esta nova era. Uma transformação tal, se recebida com fé, está destinada a transformar decididamente o olhar com a qual deve ser entendida a Igreja dos fiéis nesta etapa histórica. A chave desta transformação não é encontrada, como parecia na equivocada disputa que tem polarizado os inícios do processo sinodal, no suposto conflito (ou alternativo) entre o rigor da doutrina e condescendência pastoral. A Igreja, por trás do impulso do magistério do Papa, vemos confirmada na sua constitutiva disposição de ultrapassar toda artificial separação e contraposição da verdade e da prática, da doutrina e da pastoral para redescobrir plenamente a responsabilidade moral de seus processos de interpretação da doutrina. Esta responsabilidade – que vem da imitação do Senhor, que de muitas maneiras e muito claramente deu esse exemplo – a obriga a praticar um discernimento de regras que cuida da vida das pessoas, para que não seja perdida em nenhum caso a sua percepção de ser amado por Deus.

O Papa está bem consciente de que não é fácil ou evidente acolher este horizonte. Mas ele não quer ser equivocado. Não faltam, mesmo entre os fiéis, aqueles que gostariam de uma Igreja que se apresente essencialmente como um tribunal da vida e da história humana. Uma Igreja pública da acusação, uma Igreja de notário, que registra as obrigações e inadimplência jurídica, sem olhar para as dolorosas circunstâncias da vida e do interior resgate das consciências. Esquecendo-se como a Igreja é comprometida pelo Senhor para ser corajosa e forte na sua proteção dos fracos, no resgate das dívidas, no tratamento de feridas dos pais e mães, filhos e irmãos; começando com aqueles que se reconhecem os prisioneiros de sua própria culpa e desesperados por falhar em suas vidas. Ele quer acompanhar todos até a plena integração ao Corpo de Cristo que é a Igreja.

Os sinais fortes deste endireitamento de rota é, pelo menos, duas. É óbvio que o casamento é indissolúvel, mas o vínculo entre a Igreja e os filhos e filhas de Deus é ainda mais: porque é como o que Cristo estabeleceu com a Igreja, cheia de pecadores que foram amados quando ainda o eram. E eles não são abandonados, mesmo quando está a ser arrastado de volta. Este, como o Apóstolo Paulo diz, é um grande mistério, que vai bem além de qualquer

metáfora romântica de um amor que permanece vivo apenas no idílico de “dois corações e uma cabana”. O segundo sinal é a consequente total entrega ao Bispo desta responsabilidade eclesial, sabendo que o princípio irrenunciável é a *salus animarum* (uma declaração solene de que fecha o Código de Direito Canônico, mas que muitas vezes é esquecida). O Bispo é o juiz enquanto pastor. E o pastor reconhece as suas ovelhas mesmo quando elas se perderam no caminho. Seu objetivo final é sempre para trazê-las para casa, onde ele pode cuidar e curá-las, e ele não pode fazer se não onde elas são abandonando à sua sorte, porque “Se está procurando”.

Como é óbvio, é um novo estilo eclesial a ser realizado. E isso também requer uma consciência da diversidade de situações. O Papa não propõe nem uma nova doutrina e nem novas regras jurídicas. Mas, fala de pluralidade das intervenções dos bispos que compuseram um “poliedro precioso” (n. 4). E solicita que as Igrejas particulares assumam a responsabilidade de lidar com os inúmeros desafios que as famílias têm de enfrentar em diferentes sociedades a que pertencem. Adverte igualmente que “nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas com intervenções do Magistério”. Em diferentes regiões, “se pode buscar soluções mais inculturadas, atenta às tradições e desafios locais. Na verdade, ‘as culturas são muito diferentes entre elas e cada princípio geral [...] precisa ser inculturado, se quer ser observado e aplicado’” (n.3).

As famílias na Palavra de Deus, na sociedade contemporânea e a sua vocação hoje

A Exortação Apostólica – após a introdução – se abre com um tríptico (são os três primeiros capítulos). No primeiro se fala das famílias que estão na Bíblia. E assinalam suas histórias reais feitas “de amor e de crises” (n.8). Do segundo se descreve os desafios que as famílias de hoje são chamadas a enfrentar: do fenômeno migratório a negação ideológica da diferença entre os sexos (“ideologia de gênero”); da cultura do provisório à mentalidade anti-natalidade e o impacto da biotecnologia no campo da procriação; pela falta de casa e de trabalho à pornografia e abuso de menores; pela atenção às pessoas com deficiência, ao respeito dos idosos; a desconstrução jurídica da família, à violência contra as mulheres. O texto apresenta o individualismo exasperado como o vírus que envenena raízes nos laços familiares e que leva as famílias a viver em uma situação paradoxal: por um lado, “se teme a solidão, e se deseja um espaço de proteção e de fidelidade, mas, ao mesmo tempo, aumenta o medo de ser capturado por uma ralação que possa protelar a satisfação de aspirações pessoais” (n. 34). É o paradoxo que existe entre a radical necessidade de família e todos nós

sentimos ao mesmo tempo, a crescente fragilidade dos laços familiares que se anulam e quebram, se recomponham e se multiplicam.

No terceiro capítulo, o Papa apresenta a vocação da família como delineado por Jesus e reconhecida pela Igreja. Aqui nós examinamos os temas da indissolubilidade do sacramento matrimônio, da transmissão da vida e da educação dos filhos. E o Papa sugere às Igrejas uma autocrítica: por vezes, nós erramos em apresentar ‘um ideal teológico do matrimônio muito abstrato, construída quase artificialmente, longe da situação real e das reais possibilidades das famílias como é’ (6). Manifesta-se todas as suas dúvidas na eficácia de uma pastoral que insiste “só em questões doutrinárias, bioéticos e morais, sem justificar a abertura à graça” (37). É claro que continua a questão central, hoje, ou seja, o afastamento dos jovens do matrimônio. Se os jovens preferem viver juntos, não devemos perguntar se o “Evangelho da família”, como apresentamos não é muito atraente? Não devemos repensar a linguagem e conteúdo de tal anúncio?

O amor fecundo e as gerações no matrimônio e na família

O quarto e quinto capítulos formam a parte central da Exortação Apostólica. Nestes se declina o que substância o matrimônio e à família que é o vínculo de amor entre um homem e uma mulher, e a fecundidade geradora de que se segue. O Papa não se limita, como acontece na mais difundida catequese, a comentar a enquanto lição fundamental do Cântico dos Cânticos, que é certamente uma joia da revelação bíblica do amor do homem e da mulher. De uma forma original, o Papa Francisco comenta detalhadamente – palavra por palavra – a finalidade da fenomenologia do amor inspirada por Deus no belo hino Paulino 1 Coríntios 13. O Papa indica, portanto, o horizonte de altura e concretude que mostrar o amor – todo amor - . A fonte suprema do ágape de Deus. O texto fala de amor em chave qualquer coisa que mística e romântica. O amor, como descrito pelo Papa Francisco seguindo São Paulo, aparece cheio de concretude e de dialética, beleza e sacrifício, de vulnerabilidade e de tenacidade (o amor tudo suporta, tudo espera, não cede...). O amor de Deus é assim! Estamos longe daquele individualismo que fecha o amor na obsessão possessiva “a dois”, e ameaça a “alegria” de laços conjugais e familiares. O léxico familiar de amor, na interpretação do Papa, não é desprovido de paixão, ele é rico de geração. Por isto serenamente inclui a liberdade de pensar e de apreciar a intimidade sexual dos cônjuges como um grande dom de Deus para o homem e para a mulher. Poderíamos dizer que – mesmo nisto – o texto papal faz chegar à plenitude as sugestões encontradas em *Gaudium et Spes* que cita explicitamente: “O matrimônio é

basicamente uma” íntima comunidade de vida e de amor conjugal”, o que é bom para os mesmos cônjuges e a sexualidade “é ordenada para o amor conjugal do homem e mulher” (n.80). O léxico familiar do amor, como proposto pelo Papa, é cheio de paixão, é robusto na geração.

Eu gostaria de enfatizar dois pontos. Em primeiro lugar, o tema dos filhos. O texto reafirma claramente que o filho não é um objeto de desejo, mas um projeto de entrega de vida. Daqui segue o tema da relação entre as gerações, que a fragmentação e a liquidez do eros ameaçam. A ligação entre as gerações é o lugar da herança que tem de ser fecundada. Esta é a grande tarefa confiada à família que tem que guardar a tradição da vida sem aprisionar, proporcionando um valor acrescentado para o futuro sem mortificá-lo. Tal dinamismo é impossível se a família perde o seu papel social de estabilidade e de propulsividade dos afetos . Em suma, se casa simplesmente por si mesmo. O matrimônio é mais rico de bens , se o casal não se fecha em si mesmo: esse preenchimento não traz felicidade, traz tristeza. A família é o motor da história, o amor que trabalha pela vida: certamente não é o refúgio para aqueles que desejam escapar dos desafios da vida e da história. Nesta etapa e aliança entre as gerações se constrói toda a riqueza dos povos, conhecimento, cultura, tradições, dons, reciprocidade. A paixão pela educação inscrita na geração, e a aliança entre uma geração e outra é um termômetro infalível do progresso social.

O tema educativo é realizado no sétimo capítulo; Eu aponto agora para ligá-lo ao tema da generatividade. O Papa adverte que para com seus filhos “a obsessão não é educativa, e não se pode ter o controle de todas as situações em que um filho poderia encontrar para passar (...). Se um pai está obcecado para saber o paradeiro de seu filho e controlar todos os seus movimentos, buscará apenas tentar dominar seu espaço. Desta forma, não o educará, não o fortalecerá, não o preparar para enfrentar os desafios. O tema educativo é realizado no sétimo capítulo; Eu aponto agora para ligá-lo ao tema da generatividade. O Papa adverte que para com seus filhos” a obsessão não é educativa, e não se pode ter o controle de todas as situações em que um filho poderia encontrar para passar (...). Se um pai está obcecado para saber o paradeiro de seu filho e controlar todos os seus movimentos, buscará apenas tentar dominar seu espaço. Desta forma, não o educará, não o fortalecerá, não o preparar para enfrentar os desafios.

Algumas perspectivas pastorais

No sexto capítulo da Exortação insiste em que as famílias são sujeito e não apenas objeto de evangelização. Eles são, em primeiro lugar, de ser chamados a comunicar ao mundo o “Evangelho da família” como uma resposta à profunda necessidade de familiaridade escrito no coração do ser humano e da própria sociedade. Claro, eles precisam de uma grande ajuda nesta sua missão. O Papa fala, mesmo neste caso, da responsabilidade dos ministros ordenados. Aponta francamente que “faltam frequentemente uma formação adequada para lidar com os complexos problemas atuais das famílias” (202). É necessária uma maior atenção à formação dos seminaristas. Se por um lado tem que melhorar a sua formação psico afetiva e envolver mais a família na formação para o ministério (Cf.. 203), da outra parte argumenta que “pode ser útil (...) a experiência da longa tradição oriental dos sacerdotes casados” (n. 202). Aqui devemos abrir reflexão sobre a relação entre as famílias, a maternidade eclesial da comunidade e a paternidade espiritual do ministério. Hoje, infelizmente, é evidente a lacuna que separa as famílias da comunidade cristã. Poderíamos dizer que as famílias são pouco eclesiais, muitas vezes trancadas em si mesmas, e as comunidades cristãs são pouco familiares, muitas vezes tida como uma burocracia exasperante.

Um ponto em particular merece atenção: o acompanhamento dos noivos até a celebração do sacramento. O texto insiste em ajudar os noivos a descobrir a vida da Comunidade eclesial: é indispensável conciliar a fé à vida da comunidade. Daí a necessidade de acompanhamento dos primeiros passos da nova família recém-constituída (incluindo o tema da paternidade responsável). Aqui nos deparamos com um vasto campo quase desconhecido da vida ordinária das paróquias. É útil ao invés a experiência dos movimentos familiares que já identificaram os caminhos eficazes de acompanhamento.

Neste contexto, o Papa pede o acompanhamento das pessoas abandonadas, separadas ou divorciadas. Salienta, entre outras coisas, a importância da recente reforma dos procedimentos para o reconhecimento dos casos de nulidade do matrimônio e da responsabilidade confiada aos bispos. O texto recorda o sofrimento dos filhos em situações de conflito e diz claramente: “O divórcio é um mal, e é muito preocupante o crescimento do número de divórcios. Por isso, sem dúvida, a tarefa pastoral mais importante da nossa atenção às famílias é fortalecer o amor e ajudar a curar as feridas, para que possamos evitar a propagação deste drama em nosso tempo” (n. 246). Ele faz alusão a casamentos mistos e aqueles com disparidade de culto, e a situação das famílias que têm nelas pessoas com tendências homossexuais, reafirmando o respeito por eles e à recusa de qualquer discriminação injusta e qualquer forma de agressão ou violência.

Pastoralmente preciosa é a parte final do capítulo: “Quando a morte planta o seu aguilhão”. É uma dimensão que exige uma nova atenção pastoral visto o enfraquecimento do sentido da morte na sociedade contemporânea e da falta de gestos e de palavras, tanto para quem morre como para aqueles que permanecem.

O cuidado das famílias feridas: acompanhar, discernir e integrar a fragilidade

O oitavo capítulo – uma das partes mais esperadas da Exortação papal – é um convite a misericórdia e o discernimento diante de situações que não respondem plenamente àquilo que o Senhor propõe. O Papa insiste que não se deve deixar de dar à luz a verdade do caminho de fé e as fortes exigências do seguimento de Cristo, como referi no início. Pelo contrário, o Papa exorta a assumir o olhar de Jesus e o estilo de Deus, que deixou claro em suas palavras, nos gestos, nos seus encontros. O Papa recorda que existem “outras formas de união que contradizem radicalmente este ideal, enquanto alguns realizam, pelo menos parcialmente e de maneira semelhante”. Em qualquer caso, a Igreja “não deixa de valorizar os” elementos construtivos nessas situações que não correspondem ainda ou não mais “ao seu ensinamento sobre o matrimônio” (292). Aqui está a ânsia evangélica de não apagar a chama fumegante (cf.. Mt.12,20). Cada “semente de família” - pode-se dizer – onde for, deve ser apoiada e fazer crescer.

Aqui destacamos o novo eixo da vida pastoral da Igreja que o Papa inscreve no horizonte da Misericórdia: que é uma Igreja dedicada a acompanhar e integrar todos. Ninguém deve ser excluído. Portanto, não exige um olhar de condenação, mas olhar de compaixão. É o senso de discernimento que propõe acolher nas situações diversas, na verdade, os “sinais de amor que de alguma forma refletem o amor de Deus” (294). Eles são, portanto, “para evitar julgamentos que não levam em conta a complexidade das diferentes situações, e se deve estar atento para a maneira em que as pessoas vivem e sofrem como resultado de sua condição” (296). Cada pessoa tem de encontrar um lugar na Igreja, “ninguém pode ser condenado para sempre” (297). As situações podem ser muito diferentes entre elas e “não deve ser catalogadas ou bloqueadas em declarações demasiadas rígidas sem deixar espaço para um adequado discernimento pessoal e pastoral” (298). Por isto o Papa não considerou necessário uma “nova normativa geral do tipo canônico” para deixar espaço ao “discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares” (300).

A palavra de ordem dada aos Bispos é simples e direta. Se trata de três verbos que formam um único itinerário: acompanhar, discernir, integrar (na comunidade cristã). A fé

compartilhada e o amor fraternal podem fazer milagres, mesmo nas situações mais difíceis. O acesso à graça de Deus, que, acolhida, gera a conversão do pecador, é um assunto sério. A doutrina católica do juízo moral, talvez um pouco negligenciada, ele é chamado em honra: a qualidade moral dos processos de conversão não coincide automaticamente com a definição legal dos estados de vida. A tarefa dos sacerdotes, em particular, é destinado a levar a este encontro com o bispo: nada de “faça você mesmo”, nem para eles nem para os fiéis. Não é um cálculo legal para ser aplicado, nem um processo a ser decidido de forma arbitrária. O caminho necessário para interpretar a doutrina da Igreja, discernir as consciências, honrar o princípio moral, manter a comunhão.

Nesta linha, aceitando as observações de muitos Padres sinodais, o Papa afirma que “os batizados que estão divorciados e civilmente se casou de novo devem ser mais integrados nas comunidades cristãs de várias maneiras possíveis, evitando qualquer forma de escândalo”. “Sua participação pode ser expresso em diferentes serviços eclesiais (...) Eles não devem se sentir excomungados, mas eles podem viver e crescer como membros vivos da Igreja (...) Esta integração também é necessária para o cuidado e educação cristã dos seus filhos” (299).

De modo mais geral, o Papa faz uma afirmação extremamente importante para compreender a orientação e o sentido da Exortação: “Se levarmos em conta das inúmeras variedades de situações concretas (...), é compreensível que não se esperaria do Sínodo ou desta Exortação de uma nova normativa geral do tipo canônica, aplicável a todos os casos. Só é possível portanto um novo estímulo para um encorajamento e um responsável discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares, que devem reconhecer que, para que o ‘grau de responsabilidade não é o mesmo em todos os casos’, as consequências ou os efeitos de uma norma não necessariamente devem ser sempre os mesmos” (n.300). O Papa desenvolve em detalhe as necessidades e características do caminho de acompanhamento e discernimento em diálogo aprofundado entre os fiéis e os pastores. Para este fim, recorda a reflexão da Igreja “sobre condições e circunstâncias atenuantes” ao nível da elegibilidade e responsabilização das ações e, apoiado em São Tomás de Aquino, centra-se na relação entre “as normas e o discernimento”, afirmando: “É verdade que as normas gerais apresentam um bem que nunca deve desconsiderar ou negligenciar, mas em sua formulação não pode abraçar absolutamente todas as situações particulares. Ao mesmo tempo, deve ser referido que, precisamente por esse motivo, o que é parte de um discernimento prático diante de uma situação particular não pode ser elevado ao nível de uma norma”(304).

Na última sessão do capítulo: “A lógica da misericórdia pastoral”, o Papa Francisco, para evitar equívocos, reitera fortemente: “Compreender as situações excepcionais não

implica esconder a luz do ideal nem propor menos do que Jesus oferece ao "ser humano. Hoje, mais importante do que uma pastoral dos fracassados é o esforço pastoral para fortalecer os matrimônios e assim prevenir as rupturas"(307). Mas o sentido complexivo do capítulo e do espírito que Papa Francisco intende imprimir na pastoral da Igreja é resumida na palavra final: "Convido os fiéis que estão vivendo situações complexas a se colocar com confiança a um diálogo com os seus pastores e com leigos que se dedicam ao Senhor. Nem sempre encontrarão nessa uma confirmação das próprias ideias e dos próprios desejos, mas seguramente receberão uma luz que permitirá a eles compreender melhor aquilo que está sucedendo e poderão descobrir um caminho de amadurecimento pessoal. E convido os pastores para escutar com afeto e serenidade, com o desejo sincero de entrar no coração do drama das pessoas e de compreender o seu ponto de vista, para ajudá-los a viver melhor e a reconhecer o seu lugar na Igreja" (n. 312). Sobre a "lógica da misericórdia pastoral" Papa Francisco afirma fortemente: "As vezes nos custa muito dar espaço na pastoral ao amor incondicional de Deus. Colocamos tantas condições a misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e de significado real, e esta é a pior forma de adequar o Evangelho" (n. 311).

Espiritualidade conjugal e familiar

O nono capítulo é dedicado a espiritualidade conjugal e familiar, "feito de milhares de gestos reais e concretos" (n. 315). Com clareza se diz que "tem desejo de espiritualidade profundo não devem sentir que a família os afasta do crescimento na vida do Espírito, mas que é um percurso que o Senhor utiliza para levá-los ao vértice da união mística" (n. 316). Todos, "nos momentos de alegria, de descanso e de festa, e também a sexualidade, se experimentam como uma participação a vida plena da Ressurreição" (n. 317). Se fala portanto da oração à luz da Páscoa, da espiritualidade do amor exclusivo e livre no desafio e no anseio de envelhecer e consumir-se juntos, refletindo a fidelidade de Deus (cfr. n. 319). (...). Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, nem deixemos de buscar a plenitude do amor e da comunhão que nos prometeu" (n.325). E por fim a espiritualidade "do cuidado, da consolação e do estímulo. No parágrafo conclusivo o papa afirma: "Nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada uma vez para sempre, mas requer um desenvolvimento gradual da própria capacidade de amar (...). Todos somos chamados a dar vida a tensão para qualquer coisa que vá além de nós mesmos e os nossos limites, e cada família deve viver neste estímulo constante. Caminhamos, famílias, continuemos a caminhar!

